

## RESENHA

### O PENTE DE CONEXÃO COM ÁFRICA<sup>1</sup>

*Dulce Reyes Bonilla*<sup>2</sup>

**Cidinha da Silva. *Os nove pentes d'África*. Ilustrações de Iléa Ferraz. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009. 56 p. ISBN 978-85-7160-485-8.**

A morte, João, chega para todos os vivos: animais, plantas, gente, até para a água. Quando ela alcança alguém próximo e querido, é um sinal para corrigir coisas desandadas na jornada, ou para afirmar o caminho certo, se as coisas estiverem bem. O importante é encarar a morte como passagem para um tempo de melhor-viver. Se as estradas por onde andamos estão feias e nubladas, sujas e espinhosas, é hora de mudar de lugar, procurar o sol, os pássaros, as flores. Mas se estão bonitas, floridas, ensolaradas, além de permanecer nelas e desfrutar de todas as belezas e cores, devemos convidar mais gente para fazer o caminho ao nosso lado – disse a avó Berna (p. 23-24.)

A morte de Francisco Ayrá/Francisco Quintiliano e a subsequente entrega dos pentes esculpidos por este humilde e brilhante artista, por sua viúva Berna, é o centro deste belo presente literário. Com este legado, herança à suas netas e netos, desenrola-se *Os Nove Pentes D'África*, da escritora Cidinha da Silva, brasileira e mineira, para ser mais precisa. A história que gira em torno da morte do patriarca e dos contos familiares que sua partida nos coloca parece não ser novidade. Mas este conhecido começo, a morte para falar da vida, é o único comum da história. Com suas vivas imagens e suas eloquentes melodias, *Pentes* parece

---

<sup>1</sup> Tradução de Fernanda Felisberto, Doutoranda do Programa de Literatura Comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), sócia da Livraria Kitabu. E-mail: fefelisb2009@gmail.com.

<sup>2</sup> Dulce Reyes Bonilla é socióloga, ativista e escritora afrodescendente nascida e criada na República Dominicana até os dezessete anos e moradora do Brooklyn, em Nova York, desde 1989. Fez seu mestrado e licenciatura em Sociologia na Universidade da Cidade de Nova York (CUNY) e uma pós-graduação em Cultura, Sociedade e Sexualidade na Universidade de Amsterdam na Holanda. Por seu ativismo na luta pelos direitos civis e especialmente pelo trabalho multirracial e antirracista, pelo direito dos imigrantes, recebeu um prêmio em 2001 como uma das 50 latinas mais destacadas do ano pelo jornal *La Prensa*, o principal jornal para a comunidade da América Latina em Nova York. Sua escrita apareceu nas antologias bilíngues *Desde la Orilla/Up from the Margins: Hacia una nacionalidade sin desalojos* e *Divagaciones Bajo la luna*. Uma de suas obsessões na vida é criar pontes e a interseccionalidade para ela é um assunto crucial. E-mail: dreeyes@aol.com.

ser mais poesia que prosa e para nossa sorte, como leitoras e leitores, não temos o que escolher.

Narrada por Bárbara, filha de criação de Francisco e Berna, que não é a neta mais velha, mas a maior, *Pentes* é uma obra em que há enigmas enterrados debaixo segredos; esboços de história universal, geografia, arte e cultura popular, cultura global, religião; contos que somente uma historiadora de grande porte tem a capacidade de entregar ao mundo, em especial para as pessoas afrodescendentes, cujos laços com o passado nos foram usurpados pelo colonialismo e o tráfico humano transatlântico.

Esta história é o nosso próprio *Pente de Conexão*, apresentado como um grande legado cultural, que precisávamos há séculos e hoje nos é brindado por “Vó Cidinha”, que o desenhou e talhou na madeira mais fina, para cada uma e cada um de nós. Durante a leitura, é óbvio para nós que Cidinha da Silva, tal como Francisco Ayrá fez com sua descendência, retirou a cortina que cobre nossas almas e, uma vez descoberta, as leu com grande visão e exatidão, lembrando-nos de quem somos e/ou do que necessitamos. Especialmente para meninas, meninos e jovens, a escritora deixou um texto cheio de lições, um guia para o presente e o futuro, como “um pente-presente para cada um, como uma carta que eles lerão em diferentes momentos da vida”, nas palavras da avó Berna.

Biografia de três gerações: a avó Berna e o avô Francisco, provenientes de um tempo em que as ferrovias eram novidades e o “namorar” era outra coisa, rainha e rei de epístolas e terras passadas, mesmo que não distantes; suas filhas e filhos que, para perseguir seus sonhos, saem do entorno para estudar, se aventurar ou ficam por perto para no futuro planejar, sem saber, a preservação artística e histórica de coisas aparentemente cotidianas; e as netas e netos, lutando com sua identidade racial – um modelando seu cabelo africano e empoderando-o com dreadlocks, outra ativamente vivendo o autodesprezo, rejeitando estilos e atitudes que ressaltem algo indesejável, a saber, a negritude, enquanto outra orgulhosamente resgatando a Capoeira, uma sonhando sonhos poucos possíveis, outra inconscientemente sonhando sonhos que algum dia o serão. Esta última nos narra a saga familiar com humor, coragem e com uma perspectiva profunda, rara para sua idade. Esta dinastia não é somente uma relíquia para Berna e Francisco; é um grande tesouro para a autora. Nada mais que amor, consciência política e compromisso com o passado e o futuro de

seu povo, tornados possíveis por meio de seu talento e sua dedicada vocação de professora sem licença pedagógica, estão por trás desta comovente criação.

As filosofia e oralidades desses personagens, ao nos contar sobre a morte, sobre a vida e sobre o passar do tempo, ao nos contar as histórias de velhas e velhos fundadores, de jovens que se ressentem em um momento por serem tratados como crianças e no próximo momento como homens, a conveniência de adultos, tudo é um imã. Mulheres e homens com a carga dos que caem no meio do ontem e do amanhã, vidas complexas que servem como lupa para exaltar as preocupações da autora, desta arquiteta de versos, tecelã de ideias, desenhista de surpresas. Elas e eles caminham ao nosso lado, na ruralidade e na urbanidade do século XX e no umbral do XXI, e nos levam pela mão pelo mundo, por um mundo africano passado que foi forte e glorioso, que muitas e muitos nas Américas desconhecemos, e por um mundo moderno, cosmopolita, multicultural, que capta com um sentido de identificação a quem lê, sem se importar onde se encontra ou com sua relação com o Brasil, onde tem lugar estes eventos. *Os Nove Pentas D' África* é transcendente, e transcende, em particular, barreiras idiomáticas e demarcações culturais, falsas fronteiras e diferenças.

Temas como a compaixão e a esperança, a justiça, a solidariedade, o amor e o respeito à humanidade e à natureza têm forte presença em *Pentas*, valores imprescindíveis para gerações com vidas muito rápidas e às vezes, por isso, bastante curtas. A autora naturalmente vive no espaço existencial de uma artista que no momento da obra figura como ponte entre várias gerações. Em especial, possui um grande dom de nos apresentar a inegável sensibilidade de jovens, algumas netas e alguns netos de Berna e Francisco, que obviamente “já estiveram aqui antes!”. Mas também é justo para nós que estamos aqui pela primeira vez e necessitamos luz e guia.

Mesmo que seja inegável que *Pentas* seja um trabalho infanto-juvenil, é uma história para todas e todos, aquelas e aqueles com pouca idade e aquelas e aqueles com muita, que podem ter esquecido a magia de ter poucos anos e os que talvez ainda não entendam a sublimidade de quem percorreu várias décadas.

Mas que tudo, *Os Nove Pentas D' África* será uma inspiração vital para aquelas e aqueles, sem importar a idade, nem a trajetória, que querem e buscam ser e não sabem como.



Barbinha Quintiliano lhes mostrará não só que “se você não sabe de onde vem, não sabe aonde vai”, mas também algo tão simples como *onde podemos ir*, mesmo que nos tome tempo chegar a este entendimento. Com a ajuda das hábeis mãos de sua intérprete, Cidinha, esta travessia sem dúvida será menos longa e trabalhosa.